

BARCELONA ENTRE RESTOS E SILÊNCIOS

a persistência da desmemória

Elisa Amorim Vieira
UFMG

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o processo sistemático de apagamento dos vestígios das memórias que se remetem aos movimentos de revolução política e social na Espanha dos anos 1930, particularmente aos acontecimentos que tiveram lugar em Barcelona entre julho de 1936 e maio de 1937. Para observar como tal processo é realizado pelos meios de comunicação espanhóis, em especial pela Televisión Española, contrapomos os relatos do escritor inglês George Orwell, testemunha dos conflitos que cercam a Barcelona revolucionária, à narrativa da série de documentários intitulada *España en Guerra (1936-39)*, produzida pela TVE, em 1986.

PALAVRAS-CHAVE

Barcelona revolucionária, desmemória, documentários

Muchas cosas han desaparecido, pero cuando alguien quiere que la memoria perdure, la memoria está ahí, no tiene más que preguntar. Tengo 62 años, es la primera vez que hablo, es la primera vez que me preguntan.

Teresa Martín¹

Nas páginas iniciais de *A memória coletiva*, Maurice Halbwachs afirma que sempre levamos conosco determinadas lembranças e certa quantidade de pessoas que não se confundem.² Para demonstrar sua asseveração, comenta uma suposta viagem a Londres e a maneira como diferentes companheiros apresentam-lhe a cidade: um arquiteto chama sua atenção para as edificações; um historiador, para fatos acontecidos em determinada rua; um pintor para matizes, linhas e jogos de luz e sombra espalhados pelos recantos; enquanto um comerciante o levará para as movimentadas ruas do centro, onde se concentra o

¹ Teresa Martín foi presa junto com sua mãe na Cárcel de Las Ventas, em Madrid, quando tinha apenas 1 ano de idade. Aos 4 anos foi separada da mãe. Seu testemunho foi registrado em 2002 por Montse Armengou e Ricardo Belis, diretores do documentário *Els nens perduts del franquisme*.

² HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 30.

comércio da cidade. Supondo, no entanto, que seu passeio seja solitário, questiona se guardará apenas lembranças individuais do trajeto. Pensa, então, nas palavras de um amigo historiador, nas observações de um pintor ou nos romances de Dickens que lera na infância. Por fim, conclui que apenas em aparência passeara sozinho por Londres.

O viajante estrangeiro que tendo lido *Homage to Catalonia*, de George Orwell, aportasse na Barcelona da década de 1990, antes ou depois das Olimpíadas de 1992, percorreria suas ruas, praças e avenidas em busca de algum vestígio dos relatos do escritor inglês que, em dezembro de 1936, chegara a Barcelona e fascinara-se com a visão da cidade tomada pelos trabalhadores. Tal como Halbwachs, esse estrangeiro não viajava sozinho, trazia consigo as palavras e imagens que o outro forjara na sua experiência da guerra e da revolução. A dificuldade em encontrar os vestígios daquelas imagens prolonga-se até os dias atuais e é preciso utilizar métodos de paleontólogo para reavê-las, seja na estrutura física da cidade, nas palavras dos últimos sobreviventes da guerra civil, em fotografias ou em relatos literários e cinematográficos. Em contraste com a insistência de Orwell em referir-se àquela Barcelona dos primeiros meses da guerra civil, o suposto viajante se depara com um silêncio persistente e tem de concentrar-se na captura e observação dos vestígios de um período historicamente incômodo. Nos setenta e dois anos que nos separam dos acontecimentos presenciados por Orwell, muito se perdeu, porém ainda há vozes como as de Teresa Martín ou imagens recuperadas de arquivos que nos permitem eludir o cerco da desmemória. O objetivo deste artigo, no entanto, não é propriamente a recuperação dos testemunhos silenciados ou das imagens perdidas, mas sim uma tentativa de explicitar mecanismos usados ainda hoje para segregar determinadas memórias coletivas.

ENTRE O ESQUECIMENTO IMPOSTO E A MEMÓRIA MANIPULADA

A busca dos restos capazes de materializar um momento histórico execrado durante os quarenta anos do regime franquista e evitado ao longo do processo de transição política, assim como no período de consolidação da democracia, se vê hoje quase totalmente circunscrita aos arquivos de instituições públicas ou das remanescentes organizações políticas e sindicais que participaram dos acontecimentos que tiveram lugar na Barcelona de julho de 1936 a maio de 1937. As ações que em várias regiões da Espanha congregavam o povo armado e a revolução social e política – com seu consequente questionamento da propriedade privada no campo e na cidade e novos modelos de gestão pública – encontraram as condições propícias à sua realização na capital da Catalunha. As referências feitas atualmente a esse espaço-tempo são, na maior parte das vezes, minimizadas pelas análises das circunstâncias mais gerais da Guerra Civil Espanhola ou fazem parte de interpretações que tratam os movimentos sociais ocorridos em Barcelona como um dos motivos que teriam desencadeado a guerra, numa equiparação simplificadora com a sublevação da ala mais conservadora do exército espanhol.

A propósito dos usos e abusos da memória e do esquecimento, Paul Ricœur comenta o plano em que a questão da memória atravessa a da identidade a ponto de confundir-se com ela. Aproximando-se a Locke, Ricœur afirma que tudo o que constitui a fragilidade da identidade aparece como ocasião de manipulação da memória, principalmente pela

via ideológica. De tal afirmação surge a pergunta: “¿Por qué los abusos de la memoria son de entrada abusos del olvido?”³ A essa questão, que nos remete diretamente às diversas políticas da memória relacionadas com a Guerra Civil Espanhola, Ricœur responde que os abusos de memória se tornam abusos de esquecimento devido à função mediadora do relato: “Si no podemos acordarnos de todo, tampoco podemos contar todo.”⁴ O relato pressupõe um processo de seleção e, para o filósofo francês, a ideologização da memória foi possível graças aos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração da narrativa. As estratégias de esquecimento estão, portanto, aí inseridas, uma vez que sempre se pode narrar de outro modo, seja suprimindo dados, enfatizando determinados acontecimentos ou redimensionando o lugar ocupado pelos personagens envolvidos.

Para quien atravesó todas las secciones de configuración y reconfiguración narrativa, desde la constitución de la identidad personal hasta las identidades comunitarias que estructuran nuestros vínculos de pertenencia, el peligro principal, al término del recorrido, está en el manejo de la historia autorizada, impuesta, celebrada, conmemorada - de la historia oficial -. El recurso al relato se convierte así en trampa, cuando poderes superiores toman la dirección de la configuración de esta trama e imponen un relato canónico mediante la intimidación o la seducción, el miedo o el halago. Se utiliza aquí una forma ladina de olvido, que proviene de desposeer a los actores sociales de su poder originario de narrarse a sí mismos. Pero este desposeimiento va acompañado de una complicidad secreta, que hace del olvido un comportamiento semipasivo y semiactivo, como sucede en el olvido de elusión, expresión de mala fe, y su estrategia de evasión y esquivaz motivada por la oscura voluntad de no informarse, de no investigar sobre el mal cometido por el entorno del ciudadano, en una palabra, por un querer-no-saber.⁵

Essa advertência acerca do perigo que representa o manuseio da história oficial nos remete à política de apagamento físico e simbólico da memória realizada durante o período franquista. Aí se manifesta de maneira explícita a imposição de um relato canônico por meio da intimidação e do medo. Já os anos da transição, iniciados após a morte do ditador em 1975, consolidarão o “pacto del olvido” como um relato construído de forma sedutora, cuja intenção seria a de salvaguardar a nascente democracia dos efeitos de uma memória incômoda e difícil. Por outro lado, nos últimos dez ou quinze anos, comemora-se na Espanha um verdadeiro “boom de la memoria”, que se manifesta pela proliferação de testemunhos da guerra civil e do franquismo,⁶ de matérias jornalísticas, obras de ficção que se referem direta ou indiretamente a esses períodos,⁷ além de uma importante produção cinematográfica e audiovisual que se detém na

³ RICCEUR. *La memoria, la historia, el olvido*, p. 572.

⁴ RICCEUR. *La memoria, la historia, el olvido*, p. 572.

⁵ RICCEUR. *La memoria, la historia, el olvido*, p. 572.

⁶ No ensaio “El cine como lugar de la memoria en películas, novelas y autobiografías de los años setenta hasta el presente”, In: RESINA; WINTER. *Casa encantada*. Lugares de memoria en la España constitucional (1978-2004), p. 157, Jo Labanyi cita especificamente três obras impressas que recolhem testemunhos: ELORDI. *Los años difíciles*: el testimonio de los protagonistas anónimos de la guerra civil y la posguerra; LAFUENTE. *Tiempos de hambre*; REVERTE; THOMÁS. *Hijos de la guerra*: testimonios y recuerdos.

⁷ Apenas para citar alguns autores que nos últimos anos publicaram romances, peças teatrais e ensaios em torno à temática da guerra e do franquismo: José Sanchis Sinisterra, Manuel Vázquez Montalbán, Manuel Rivas, Marina Mayoral, Antonio Muñoz Molina, Javier Cercas, Rosa Montero, Dulce Chacón.

reconstrução de determinada memória histórica. Pareceria que, finalmente, o novo relato canônico fizera as pazes com as múltiplas memórias que nos remetem aos trágicos acontecimentos dos anos 1930 e do pós-guerra, não fossem as vozes discordantes de historiadores e críticos culturais como Paloma Aguilar Fernández, Joan Ramón Resina, Agustí Colomines e Ulrich Winter, entre outros, para quem o referido *boom* não eliminou as práticas de apagamento de memórias indesejadas.

Ao comentar a ideia de *lugares de memória*⁸ na cultura espanhola contemporânea, Ulrich Winter afirma que, ao contrário do que acontece na França, os possíveis lugares de memória na Espanha estão atravessados pelas fissuras de múltiplas memórias coletivas, sejam as que remetem às “duas Espanhas” ou as das diversas identidades nacionais e culturais.⁹ O testemunho de George Orwell e os estudos realizados por historiadores como Paloma Díaz Aguilar, Pierre Broué e Émile Témime acerca dos acontecimentos em torno da Guerra Civil Espanhola deixam evidente a complexidade de um processo social e político que, ao ir muito além da divisão entre republicanos e fascistas, demonstra a insuficiência da tão propagada ideia das “duas Espanhas”. Dessa forma, às diversas identidades nacionais e culturais apontadas por Winter, teríamos de somar as dos distintos grupos políticos e sindicais que, no interior de uma mesma área, aprofundavam ainda mais as fissuras mencionadas. Barcelona aparece nesse contexto como a materialização de uma teia de identidades muitas vezes antagônicas e em constante litígio.

Como se conjugam, então, os diversos vínculos de pertencimento às políticas e práticas de rememoração? Ressoa aqui a frase de Joan Ramón Resina, para quem de todas as grandes cidades europeias, “Barcelona es la que mejor oculta su historia”.¹⁰ Para encontrá-la seria preciso procurá-la por recantos e esconderijos da cidade antiga, ao passo que o espaço comemorativo se concentra numa área restrita do perímetro urbano.¹¹ Como uma das causas da escassez de lugares de memória em Barcelona, Resina aponta o primado da especulação urbana que coloca em segundo plano o conservacionismo, além da existência de uma grande indiferença pelo legado histórico. Seu ensaio, no entanto, se detém principalmente na análise da relação entre memória e identidade. Ao comentar a polêmica em torno da conservação ou não das ruínas encontradas em 2002 no subsolo do Born,¹² o antigo mercado central de alimentos, Resina explicita a insistência com que a política oficial e grande parte dos meios de comunicação tentam apagar lugares de memória vinculados com a história catalã e sua identidade: “La relación

⁸ *Lieux de mémoire*, termo criado por Pierre Nora no início dos anos 1980 para designar os “marcos testemunhais de outra era”. De acordo com o historiador francês, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA. Entre a memória e a história. A problemática dos lugares, p. 13).

⁹ WINTER. Localizar a los muertos” y “reconocer al otro”: *Lugares de memoria(s)* en la cultura española contemporánea, p. 23.

¹⁰ RESINA. El vientre de Barcelona: arqueología de la memoria, p. 79.

¹¹ RESINA. El vientre de Barcelona: arqueología de la memoria, p. 79, 80.

¹² São restos da cidade medieval e também da invasão dos exércitos francês e castelhano a Barcelona, em 1714. Joan Ramón Resina observa que as ruas que reapareceram no interior do mercado foram palco do último combate travado pelos defensores de Barcelona, no dia 11 de setembro daquele ano.

entre derrota y destrucción de la memoria no es contingente. Esta relación siempre la comprendieron muy bien los enemigos de Cataluña.”¹³ Com base nessas observações, a questão que aqui se coloca é a que se refere ao apagamento dos vestígios de uma Barcelona que, entre 1936 e 1937, protagonizou os acontecimentos que marcaram o início da Guerra Civil Espanhola.

O CINEMA DOCUMENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE REMEMORAÇÃO OU DE APAGAMENTO

Se, à moda dos processos inquisitoriais, Orwell não viu o que disse ter visto ou não viveu o que afirma ter vivido, deveríamos tomá-lo, então, por portador de uma estranha obsessão ou de uma extraordinária capacidade imaginativa. Nas primeiras páginas de *Homenagem à Catalunha*, escrito ainda em 1937, pouco depois de deixar a Espanha, Orwell descreve as imagens que guardava da Barcelona de dezembro de 1936: desde os prédios que haviam sido tomados pelos trabalhadores, exibindo suas bandeiras vermelhas ou a rubro-negra dos anarquistas, às pilhagens e demolições de igrejas, as pinturas dos muros, os anúncios de coletivização em lojas e cafés, até a mudança no vestuário e nas formas de tratamento. “Tudo isso era estranho e emocionante. Havia muita coisa que eu não compreendia, e de muitas delas de certa forma nem gostava, mas reconheci imediatamente que era um estado de coisas pelo qual valia a pena lutar.”¹⁴ Ao longo do seu relato, é possível acompanhar a trajetória que vai da fascinação por essas primeiras imagens da cidade tomada pelos trabalhadores ao choque que supôs vivenciar os antagonismos existentes no interior do movimento operário e suas terríveis consequências. A passagem de Orwell pelo *front* de Aragón nas fileiras do POUM¹⁵ e seu retorno a Barcelona no final de abril de 1937 o levarão a compreender não só as especificidades da luta antifascista na Espanha como as dimensões da política oficial da URSS e dos Partidos Comunistas, especialmente na Catalunha. Orwell presencia as Jornadas de Maio de 1937 nas ruas de Barcelona, nas quais a CNT¹⁶ – FAI¹⁷ e o PSUC¹⁸ lutam pelo comando da cidade. Como afirma Maria Dolors Genovés, diretora do documentário *Operación Nikolai*,¹⁹ as Jornadas foram a desculpa para trasladar a Barcelona os processos

¹³ RESINA. El vientre de Barcelona: arqueología de la memoria, p. 86.

¹⁴ ORWELL. *Homage to Catalonia*, p. 29, 30.

¹⁵ Partido Obrero de Unificación Marxista, partido comunista independente da URSS. Andreu Nin, seu principal líder, foi preso e assassinado por agentes soviéticos em junho de 1937. Por essa mesma época, o POUM foi colocado na ilegalidade, sob a falsa acusação de colaborar com Franco.

¹⁶ Confederación Nacional del Trabajo – confederação sindical anarcossindicalista.

¹⁷ Federación Anarquista Ibérica.

¹⁸ Partido Socialista Unificado de Cataluña – partido comunista catalão, resultado da unificação de quatro partidos socialistas e comunistas.

¹⁹ O documentário trata do chamado *Caso Nikolai*, operação de sequestro e posterior assassinato de Andreu Nin, principal dirigente do POUM, levado a cabo por agentes dos serviços de segurança soviéticos (NKVD). O filme foi elaborado com base numa extensa pesquisa nos arquivos da Internacional Comunista, em Moscou, do Serviço de Informação Exterior da Federação Russa e Archivo Histórico Nacional de Madrid, entre outros.

que eram levados a cabo em Moscou.²⁰ Assim como os demais militantes e dirigentes do POUM, George Orwell foi alvo da falsa acusação de colaborar com os franquistas e, sob perseguição, viu-se obrigado a deixar a Espanha.

Testemunhos como os do escritor inglês, que desnudam os processos persecutórios no interior mesmo do lado republicano, representam uma constante ameaça aos lugares de memória erigidos desde o período da transição para a democracia até os dias atuais. A mídia, que se estabelece cada vez mais como um poderoso instrumento de decantação da memória, não no sentido de exaltação ou celebração, mas de filtragem das “impurezas”, utilizará os mecanismos de seleção em relatos jornalísticos e cinematográficos no sentido de construir uma memória tranquilizadora e aceitável no novo contexto de uma Espanha democrática e europeia. A omissão, prática por excelência de filtragem, é uma constante quando se trata dos relatos que narram o ambiente de suspeita e perseguição existente nas ruas de Barcelona entre abril e maio de 1937 e sua relação direta com a tentativa do PSUC, partido que seguia as diretrizes da URSS, de desqualificar e eliminar o comando da cidade exercido, até então, pela CNT-FAI com apoio do POUM e o reconhecimento do presidente da Generalitat de Catalunya, Lluís Companys. Esse cenário, que Orwell descreve como “uma atmosfera de suspeita, medo, incerteza e ódio velado”,²¹ será sistematicamente omitido ou minimizado pelos documentários produzidos pela TVE, Televisión Española, a respeito da guerra civil.

Para analisar o processo de apagamento dessa memória inoportuna - tanto a que se refere à revolução em Barcelona, quanto a do movimento que tenta refreá-la -, tomamos como base o documentário *Espana en Guerra (1936-39)*, produzido pela RTVE, em 1986, e composto de um total de 31 capítulos com duração de 55 minutos cada um. A divulgação feita desse material nos meios de comunicação chama a atenção para fato de que, diferentemente de outros documentários feitos para a televisão, nele se partiu do texto e, em função disso, foram escolhidas as imagens. Também se ressalta o fato de o texto que originou o documentário ter sido escrito por um conselho de assessores composto de historiadores renomados,²² que procuraram construí-lo da forma o mais equânime possível e tendo como objetivo a representação de uma “síntese de sensibilidades políticas e ideológicas diversas”. Outra observação feita é o fato desse texto ter sido aprovado por consenso.²³ Esses comentários já dão a pista das escolhas estéticas e éticas feitas pelos realizadores da série e que serão confirmadas à medida que assistimos cada episódio. Como primeira dessas escolhas poderíamos destacar a crença na transposição para a tela de um “real” isento de paixões políticas e ideológicas, o que fica evidente no fato de o documentário não trabalhar com testemunhos, mas com a “voz da autoridade”

²⁰ Os Processos de Moscou, ocorridos a mando de Josef Stalin entre 1936 e 1938, fizeram parte do chamado Grande Expurgo e tiveram por finalidade a perseguição e extermínio dos opositores do dirigente russo. Os Processos, que eliminaram cerca de dois terços dos quadros do Partido Comunista da URSS, tiveram uma especial repercussão na Espanha assolada pela guerra civil.

²¹ ORWELL. *Homage to Catalonia*, p. 166.

²² O texto original foi redigido pelos seguintes historiadores: Fernando F. Bastarreche, Josep Benet, Antonio M^á Calero, Gabriel Cardona, Fernando G^á de Cortázar, Alfons Cucó, José Manuel Cuenca, Gregori Mir, Alberto Reig Tapia, Manuel Tuñón de Lara e Angel Viñas.

²³ Ver: <<http://www.zonadvd.com/modules.php?name=News&file=article&sid=12504>>.

representada pelos historiadores, que não só elaboram o texto geral, mas aparecem em vários momentos esclarecendo e analisando os fatos narrados. Ressalte-se, inclusive, a imponência dos cenários em que são mostrados e a formalidade do figurino utilizado.

Pensado como um texto ilustrado, o documentário está estruturado com base numa narrativa linear centrada nos grandes acontecimentos e nos personagens históricos mais eminentes. As imagens de figuras anônimas fazem parte de um processo de generalização e constituição de “tipos sociológicos” – camponeses, operários, soldados, milicianos, exilados –, que ficam destituídos de qualquer possibilidade de expressar suas vozes ou seus traços singulares, uma vez que o documentário é feito com material de arquivo e não entrevista testemunhas da guerra. Como diria Paul Ricœur, os atores sociais são destituídos da possibilidade de narrar a si mesmos, numa “forma ladina de esquecimento”. Além disso, todo o contexto fílmico, por si só, já é um fator de depuração da memória, em que o que se vê foi previamente selecionado e controlado para se adequar ao que se ouve. Fica assim excluído o que Jan Assmann denomina “memória comunicativa”, que pertence ao âmbito intermediário existente entre os indivíduos e que necessita da implicação emocional e afetiva para se manifestar. A opção por uma narrativa que se pretende imparcial e isenta gera um discurso de neutralidade que busca igualar os campos opostos e apagar responsabilidades, como podemos perceber na abertura do primeiro episódio da série:

Ocurrió hace medio siglo. Sin embargo, mientras para algunos permanece vivo el rescoldo del rencor, o continúan sumidos en la ensoñación de la victoria o la derrota, la mayoría sólo ve la guerra como una referencia lejana y casi ajena, cuando no ignora su existencia. La guerra civil es ya sólo historia, pero historia que es necesario comprender y asimilar para entender el presente. Ninguna guerra surge por generación espontánea, ningún pueblo intenta autodestruirse sin razón aparente. La guerra civil estalla tras una serie de conflictos acumulados y no resueltos que empezaron a gestarse muchos años antes. (“España en Guerra”, 1ª parte, *El declive de un régimen*)

Os “restos de rancor”, e não desejo de justiça, são colocados lado a lado com a fantasia da vitória ou da derrota nessa declaração que iguala e, portanto, neutraliza os traumas pessoais e as consequências sociais e políticas geradas pelos diversos conflitos existentes na sociedade espanhola dos anos 1930. “La guerra civil es ya sólo historia”, matéria escolar, fenômeno estagnado e sem qualquer relação com a memória viva e comunicável. O fluxo ininterrupto de imagens e informações, que obedece à lógica da maior parte dos documentários feitos para televisão, favorece o distanciamento com relação à matéria tratada e reforça sua intenção de não só representar “o real”, como de erigir-se em ponto de vista inquestionável. As primeiras referências aos acontecimentos que têm lugar em Barcelona, em julho de 1936, são feitas no quinto documentário da série, intitulado *La tormenta de Julio*. É curioso observar que, ao contrário da minuciosa análise feita da sublevação dos militares e de todas as facções existentes nas Forças Armadas, a narrativa apenas menciona as organizações operárias, que são sempre relacionadas ao descontrole das manifestações populares:

Al anochecer del 19 de julio, ocurre un hecho que habrá de tener una gran trascendencia: al ver fracasar la insurrección, las fuerzas militares y civiles que defendían los cuarteles y la Maestranza de la Barriada de Sant Andreu del Palomar los abandonan. Una gran

multitud se apodera de 30.000 fusiles y del armamento depositado en el parque. Casi todo ese material cae en manos de la CNT, de la FAI y de los numerosos incontrolados, quienes contarán así con un equipo superior al de las Fuerzas de Orden Público de la Generalitat. (...)

A mediodía del lunes 20, van a vivirse las trágicas consecuencias de la sublevación. Las masas armadas se han hecho dueñas de la calle y representan el verdadero poder, mientras que el gobierno de la Generalitat carece de capacidad coactiva para imponerse. Se avecinan días de fiesta revolucionaria: porches llenos de pintadas, rebosantes de rostros eufóricos con gorro miliciano y cañones de fusil que asoman por las ventanillas. Barcelona estalla en un mar de banderas rojo y negras que se abren como flores calientes de verano. (“España en Guerra”, 5º episodio, *La tormenta de julio*)

Apesar da linguagem retórica da última frase dessa citação, o texto evidencia a associação do movimento operário e popular ao descontrolo. O povo em armas nas ruas de Barcelona é a “consequência trágica” da sublevação dos militares e não fruto do desejo de instalar uma nova ordem política e social. Minimiza-se, assim, a própria história dos movimentos anarcossindicalista e socialista na Catalunha, especialmente porque não se faz nenhuma análise dos mesmos. Novas referências à revolução catalã só serão vistas no sétimo episódio da série, denominado *Un país en llamas*. Este aborda a internacionalização da guerra, analisando a posição de não intervenção adotada pelas democracias ocidentais e o envio de tropas e armamentos por parte da Alemanha nazista e da Itália de Mussolini para os militares sublevados. Quanto à posição adotada pela União Soviética, menciona-se a divisão entre seus principais dirigentes com relação ao conflito na Espanha e o fato de Stalin inclinar-se pela neutralidade, uma vez que o Kremlin não apoiava de fato a esquerda espanhola. Não se explica, no entanto, as causas mais profundas dessa reticência. Em seguida, o documentário mostra imagens urbanas que, pelos cartazes em catalão e carros da CNT e da FAI, certamente são ruas de Barcelona. A narrativa, sem mencionar diretamente a capital da Catalunha, detém-se nas profundas alterações do cotidiano das grandes cidades e as consequências visíveis do poder popular: desaparecimento do que era considerado como distintivo de classe - chapéus, gravatas e sapatos - e como, em seu lugar, vê-se a proliferação dos macacões azuis dos milicianos, lenços enrolados ao pescoço, alpargatas. Tudo isso é mostrado sempre subordinando as imagens à narração em *off*. Imagens que servem, portanto, para legitimar o texto e dissimular a descontinuidade e a repetição do material de arquivo utilizado a favor da construção de um relato linear de uma realidade “pronta” e sem fissuras, que estava ali apenas esperando que alguém a filmasse.

As cidades sob a hegemonia do poder popular são povoadas, segundo o documentário, por cartazes, bandeiras, letreiros e instruções de todo tipo. O comentário seguinte afirma: “Es una situación propicia a los actos de violencia espontánea. Motivaciones sociales y políticas, a veces de honda raíz histórica, se mezclan o sirven de pretexto para venganzas personales o ajustes de cuentas de muy distinto carácter.”²⁴ Esse texto é acompanhado por uma série de imagens de cadáveres. Logo, chama-se a atenção para as manifestações do anticlericalismo popular, que destruiu templos e objetos de culto, alguns deles de grande valor artístico. As imagens da destruição são substituídas

²⁴ 7º episódio, *Un país en llamas*.

pelos de trabalhadores que formam os comitês das organizações operárias e dos partidos republicanos de esquerda. O texto explica que são esses comitês que dão o tom da vida social das localidades sob seu controle, enquanto a administração estatal é desfeita: “sus funciones, las desempeñarán personas con frecuencia incompetentes”.²⁵ O comentário é ilustrado por uma cena de operários guardando uma rua, enquanto passam carros da CNT e da FAI. Cada vez se torna mais eloquente a associação entre texto e imagem na configuração do tipo social que tomara as ruas das grandes cidades: violento, despreparado e incontrolado.

Nesse sétimo episódio, trata-se finalmente de Barcelona. É reforçada a ideia de que a rebelião militar teve como consequência o desmantelamento da ordem pública, uma vez que milhares de pessoas tomaram as armas abandonados nos quartéis. Comentam-se as discrepâncias entre as organizações antifascistas: enquanto umas aspiram somente a manter as instituições republicanas e autonômicas, outras como a FAI acreditam que chegara a hora da revolução social. Também são mencionadas as diferenças quanto ao “conteúdo” dessa revolução entre as diversas organizações operárias, especialmente entre o PSUC e o POUM. Embora se diga que esses dois partidos se contrapõem, as causas de tal enfrentamento são omitidas, reforçando-se ainda mais a visão de organizações operárias que se movem por querelas internas, românticos sonhos revolucionários e paixões desmedidas. Não é feita nenhuma relação do antagonismo entre esses partidos e organizações sindicais com a decisão da União Soviética de não apoiar a revolução na Espanha, uma vez que apoiá-la significaria afastar-se das democracias ocidentais. Além disso, anarquistas e comunistas dissidentes, como os do POUM, eram considerados inimigos por Moscou e alvos dos famosos expurgos.

No entanto, o décimo sétimo episódio, intitulado *Los hechos de mayo*, está dedicado aos enfrentamentos entre organizações sindicais e partidos operários nas ruas de Barcelona, que são apresentados como “una pequeña guerra civil dentro de la guerra civil”. Neste episódio, relaciona-se claramente a imagem da CNT, da FAI e do POUM aos mais variados desmandos e provocações de todo tipo, enquanto as Forças de Ordem Pública, com o apoio direto do PSUC e da UGT, lutarão pelo restabelecimento da ordem e da governabilidade. Para construir essa leitura, a voz em *off* do narrador afirma que “para comprender los hechos es imprescindible recordar algunos puntos de la situación de Cataluña en los meses anteriores”.²⁶ A partir dessa introdução, afirma-se que o Governo da *Generalitat*, do qual participam a CNT, a UGT e os partidos mais importantes, exceto o POUM, não conseguiu impor sua autoridade para ganhar a guerra; a CNT-FAI não quer ceder a hegemonia conquistada depois do 19 de julho e mantém que é preciso fazer a revolução para ganhar a guerra; o PSUC e a UGT, cada dia mais fortes, insistem em que é preciso primeiro ganhar a guerra para depois pensar na revolução e exigem a formação de um exército popular; por fim, define-se a mais radical de todas essas organizações e sobre a qual recairá a responsabilidade pelos enfrentamentos de maio: “El POUM, partido comunista antiestalinista, pequeño pero muy activo, sostiene una

²⁵ “España en Guerra (1936-1939)”, 7º episódio, *Un país en llamas*.

²⁶ “España en Guerra (1936-1939)”, 17º episódio, *Los hechos de mayo*.

estrategia ultrarrevolucionaria. Exige la formación de un gobierno de obreros y campesinos y lleva a cabo una durísima campaña contra la URSS.”²⁷

Após essa apresentação das forças políticas em jogo, a narrativa se detém na questão dos grupos armados, especialmente os da CNT-FAI, que atuam à margem do governo da *Generalitat*. São dados exemplos de coletivizações forçadas da terra em comarcas da Catalunha, nas quais camponeses são mortos. Esses fatos seriam a justificativa para o desarmamento das Patrulhas de Controle que estavam sob o comando da central sindical anarquista. O POUM e a FAI se opõem e encorajam os trabalhadores a não deixar-se desarmar. No dia 3 de maio, em Barcelona, as Forças de Ordem Pública da *Generalitat* invadem o prédio da Telefônica, que estava sob o poder dos anarcossindicalistas. O narrador afirma que a invasão aconteceu porque as comunicações telefônicas estavam sendo censuradas. Levantam-se barricadas por toda Barcelona e os combates se generalizam: de um lado, lutam os militantes da Esquerda Republicana, do PSUC, das Juventudes Socialistas Unificadas, da UGT e do Estat Catalá e, do lado contrário, militantes da CNT-FAI e do POUM. O governo central decide intervir em Barcelona. A CNT faz um acordo com a UGT e termina a insurreição. Milhares de Guardas de Assalto tomam Barcelona. As consequências logo virão: os anarcossindicalistas perdem sua hegemonia na Catalunha, o Governo da *Generalitat* se debilita, o PSUC passa a ter mais força política, enquanto o POUM será alvo de uma dura repressão. Na construção do relato desses episódios não se faz, em nenhum momento, a relação entre o que aconteceu em Barcelona e a política internacional, especialmente no que diz respeito aos interesses de URSS na Espanha. A estrutura da narrativa justifica o desarmamento dos milicianos e reforça, mais uma vez, a imagem dos militantes anarquistas e do POUM como “incontrolados”, ao contrário dos heroicos Guardas de Assalto que tomam a cidade e restabelecem a ordem. Caberia, porém, ler o relato de George Orwell sobre esses fatos:

Deve ter sido naquela noite que as tropas de Valência apareceram nas ruas, pela primeira vez. Era a Guarda de Assalto, uma outra formação semelhante à Guarda de Assalto local, à odiada Guarda Civil e aos carabineiros (isto é, uma formação direcionada essencialmente para o trabalho policial), e eram as tropas de elite da República. De repente, pareciam brotar do chão; eram vistos por toda a parte, patrulhando as ruas em grupos de dez - homens altos de uniformes cinzentos ou azuis, com fuzis compridos pendurados ao ombro e uma submetralhadora para cada grupo.

(...)

No dia seguinte, a Guarda de Assalto valenciana estava por toda parte, andando pelas ruas como conquistadores. Não havia dúvida de que o governo estava simplesmente fazendo uma exibição de força, a fim de intimidar uma população que ele já sabia não poder mais resistir.²⁸

O documentário, porém, tem o mérito de fornecer uma grande quantidade de informações e de, até certo ponto, buscar analisar os reflexos que as batalhas ocorridas em Barcelona na primavera de 1937 exercerão sobre o governo republicano. As relações

²⁷ “Espanña en Guerra (1936-1939)”, 17º episódio, *Los hechos de mayo*.

²⁸ ORWELL. *Homage to Catalonia*, p. 143, 144.

de Largo Caballero,²⁹ presidente do governo, com os comunistas serão cada vez mais tensas. O PCE exige a dissolução do POUM, sob a falsa acusação de seus militantes serem “agentes do fascismo”. Largo Caballero se nega a fazê-lo, mas quando seu governo cai e Juan Negrín se torna o novo presidente, com apoio do PSOE e do PCE, são adotadas medidas drásticas contra o POUM. Acusado de ser o principal instigador das batalhas de maio em Barcelona e de participar de uma rede de espionagem franquista em Madri, o POUM é posto na ilegalidade e seus principais dirigentes são presos e, posteriormente, condenados a vários anos de prisão. Andreu Nin, um dos dirigentes mais importantes do movimento operário catalão, desaparece. Acredita-se, diz o narrador, que o Serviço Secreto Soviético foi o responsável pelo seu desaparecimento. Todos esses fatos coincidem com a política oficial da União Soviética de aniquilação dos dissidentes comunistas através dos Processos de Moscou. Essas informações, dadas pelo documentário, no entanto, são neutralizadas pela narrativa anterior que relaciona militantes do POUM e da CNT-FAI ao descontrole e ao radicalismo e, posteriormente, pelo que poderia ser visto não só como fechamento do episódio, mas como conclusão dos fatos narrados: o governo Negrín irá concentrar suas forças no que considera seu objetivo principal, ganhar a guerra.

Seria importante observar nas diversas narrativas fílmicas sobre a Guerra Civil Espanhola – especialmente nos documentários realizados desde o período da transição – aqueles acontecimentos que se transformaram em marcos inquestionáveis das representações do conflito. Entre esses marcos, poderíamos citar a sublevação dos militares em 18 de julho de 1936, a resistência do Alcázar de Toledo, o incêndio de igrejas e conventos, as batalhas de Somosierra e a do Ebro e, sem dúvida alguma, o bombardeio de Guernica. Esses marcos, à força de repetição, transformaram-se em lugares de memória, que intensificam a simbologia e a mitologia nacionais, especialmente a que equipara tanto a valentia dos dois lados adversários, quanto sua crueldade, reforçando os efeitos devastadores da guerra. A equiparação pode, assim, neutralizar diferenças e induzir a uma condenação ou absolvição geral dos combatentes, erradicando identidades culturais e políticas oriundas de memórias coletivas divergentes e experiências irreconciliáveis. Cria-se, assim, uma espécie de arquivo de imagens institucionalizadas, que forja a pacificação da memória e, em alguma medida, a eliminação das fissuras de um momento histórico marcado por profundos choques e traumas. Nesse processo de domesticação e neutralização de um passado incômodo, possivelmente a principal arma seja o apagamento sistemático ou a esfumação de seus índices.

Durante o período da transição, como observa Ulrich Winter, a política da memória (e desmemória) acordada pelas forças sociais estava determinada por uma política de reconciliação constitucional forçada entre passado e presente, entre memória republicana e memória franquista, e entre as diferentes identidades nacionais existentes na Espanha.³⁰ Esta é certamente a direção seguida por documentários como *España en guerra (1936-39)*,

²⁹ Francisco Largo Caballero (1869-1946), conhecido como o “Lênin espanhol”, foi Ministro do Trabalho (1931-33) e Presidente do Conselho de Ministro entre 1936 e 1937. Operário e importante sindicalista foi líder da UGT e do PSOE durante 30 anos.

³⁰ WINTER. Localizar a los muertos y reconocer al otro: *Lugares de memoria(s)* en la cultura española contemporánea, p. 23.

que, de forma sistemática, minimizaram ou calaram a importância dos processos revolucionário e contrarrevolucionário ocorridos em Barcelona entre 1936 e 1937. Nos últimos dez ou quinze anos, especialmente a partir da fundação da Asociación para la Recuperación de la Memoria Histórica (ARMH), em 2001, novos documentários vêm sendo feitos sobre a guerra civil, mas uma grande parte deles continua evitando mencionar acontecimentos que estariam distantes do ideário político atual, cuja meta principal é integrar a Espanha numa tradição europeísta e democrática. Como exemplo dessa tendência, cabe citar o documentário *El sueño derrotado*, realizado em 2004 pelos irmãos Jaume Serra e Daniel Serra, que em sua abertura frisa: “Este documental está dedicado a los hombres y mujeres que soñaron con una España moderna, democrática y europea.” Utilizando entrevistas a testemunhos e materiais de arquivo, o filme constrói uma narrativa que reforça o caráter heroico dos soldados republicanos e relaciona de forma direta os acontecimentos da guerra civil às conquistas sociais e econômicas da Espanha atual. Dessa forma, *El sueño derrotado* se inscreve no esforço de rememoração que procura transformar a guerra num lugar de memória para o espectador, através da utilização de estratégias que ficcionalizam os relatos dos testemunhos e que, como foi dito anteriormente, induzem a interpretação da contenda à luz das aspirações políticas atuais. As vozes e imagens dos sobreviventes reforçam as vivências individuais e os aspectos morais do conflito, sem fazer referência às tensões políticas e ideológicas existentes na Espanha dos anos 1930, como forma de apaziguar e neutralizar uma memória coletiva marcada por inúmeras fissuras e contradições.³¹

Porém, como observa Joan Ramón Resina a respeito das ruínas do Born, “en un espectacular regreso de lo reprimido, emerge en el siglo XXI el escenario de la derrota de Cataluña en el XVIII”,³² a Barcelona dos anos 1930, repudiada ou evitada pela historiografia oficial e, como vimos, por boa parte dos produtos audiovisuais, teima em reaparecer. Ressurge dos arquivos não mais secretos da Internacional Comunista e das vozes de uns quantos testemunhos ainda vivos, que presenciaram ou participaram diretamente dos acontecimentos que marcaram as vitórias e derrotas da cidade dos comitês operários. Diretores como Dolors Genovés – que após uma cuidadosa pesquisa reconstruiu as circunstâncias do sequestro e assassinato de Andreu Nin, em *Operación Nikolai* (1992), e produziu uma reflexão sobre o movimento libertário e o papel desempenhado pela CNT-FAI durante a guerra civil, em *Roig i Negre* (2006) – demonstram que é possível reaver parte dessa memória indesejada e por tanto tempo, e muitos motivos, silenciada. Esses documentários juntam-se à voz mais distante de George Orwell na tentativa de não só permitir o retorno do reprimido, mas de minar e balançar os lugares de memória erigidos pelos relatos canônicos e pelas políticas oficiais de memória, sempre tão próximos das velhas estratégias da “arte do esquecimento”.



³¹ Em outubro de 2008, apresentei uma análise desse documentário no I Congreso Internacional de Literatura y Cultura Españolas Contemporáneas, realizado pela Universidad Nacional de La Plata, Argentina. O texto dessa apresentação, “Entre ver y oír: imágenes y voces de la Guerra Civil Española”, encontra-se disponível em: <<http://163.10.30.203:8080/congresos/congresoespanyola/programa/ponencias/AmorimVieiraElisa.pdf>>.

³² RESINA. *El vientre de Barcelona: arqueología de la memoria*, p. 88.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar el proceso sistemático de supresión de los vestigios de las memorias que se refieren a los movimientos de revolución política y social en la España de los años 30, particularmente a los acontecimientos que tuvieron lugar en Barcelona entre julio de 1936 y mayo de 1937. Para observar como tal proceso se realiza a través de los medios de comunicación españoles, en especial por la Televisión Española, contraponemos los relatos del escritor inglés George Orwell, testigo de los conflictos que cercan la Barcelona revolucionaria, a la narrativa de la serie de documentales intitulada *España en Guerra (1936-39)*, producida por la TVE, en 1986.

PALABRAS-CLAVE

Barcelona revolucionaria, desmemoria, documentales

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Jan. *Religión y memoria cultural*. Trad. Marcelo G. Burello y Karen Saban. Buenos Aires: Lilmod, 2008.
- BEEVOR, Antony. *A batalha pela Espanha*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BROUÉ, P., TÉMIME, E. *La revolución y la guerra de España*. Trad. Francisco González Aramburo. México, D.F.: FCE, 1979. v. 1 e 2.
- CERVERA, Pascual. *España en guerra (1936 -1939)*. Dirección de Pascual Cervera. España: 1986. TVE. 15 DVDs, 1.860 min., blanco y negro, son.
- DÍAZ AGUILAR, Paloma. *Memoria y olvido de la Guerra Civil Española*. Madrid: Alianza, 1996.
- ELORDI, Carlos (Coord.). *Los años difíciles: el testimonio de los protagonistas anónimos de la guerra civil y la posguerra*. Madrid: Aguilar, 2002.
- GENOVÉS, Dolors. *Operació Nikolai*. Realización de Ricardo Belis, dirección de Dolors Genovés. España: 1992. TVC. 1 DVD, 60 min., color, son.
- GENOVÉS, Dolors. *Roig i Negre*. Realización de Ricardo Belis, dirección de Dolors Genovés. España: 2006. TVC. 1 DVD, color, son.
- HALBWACHS, Maurice. *A memoria coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LABANYI, Jo. El cine como lugar de la memoria en películas, novelas y autobiografías de los años setenta hasta el presente. In: RESINA, Joan Ramón; WINTER, Ulrich (Ed.). *Casa encantada. Lugares de memoria en la España constitucional (1978-2004)*. Frankfurt:Vervuert Madrid: Iberoamericana, 2005.

- LAFUENTE, Isaías. *Tiempos de hambre*. Madrid: Temas de Hoy, 1999.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo: Educ, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- ORWELL, George. *Homage to Catalonia*. London: Penguin Modern Clasi, 2000.
- ORWELL, George. *Lutando na Espanha*. Trad. Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2006.
- PRESTON, Paul. *La guerra civil*. Las fotos que hicieron historia. Madrid: La Esfera de los Libros; JdeJ Editores, 2005.
- RESINA, Joan Ramón; WINTER, Ulrich (Ed.). *Casa encantada*. Lugares de memoria en la España constitucional 1978-2004). Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2005.
- RESINA, Joan Ramón. El vientre de Barcelona: arqueología de la memoria. In: RESINA, Joan Ramón; WINTER, Ulrich (Ed.). *Casa encantada*. Lugares de memoria en la España constitucional (1978 -2004). Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2005.
- REVERTE, Jorge M.; THOMÁS, Socorro. *Hijos de la guerra: testimonios y recuerdos*. Madrid: Temas de Hoy, 2001.
- RICCEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Trad. Agustín Neira. Buenos Aires: FCE, 2000.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura*. O testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- SERRA, Jaume; SERRA, Daniel. *El sueño derrotado: La historia del exilio*. Dirección de Jaume Serra y Daniel Serra. España, 2004. 1 DVD, 90 min, color, son.
- TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Trad. Miguel Salazar. Barcelona: Paidós, 2000.
- WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- WINTER, Ulrich. Localizar a los muertos y reconocer al otro: *Lugares de memoria(s)* en la cultura española contemporánea. In: RESINA, Joan Ramón; WINTER, Ulrich (Ed.). *Casa encantada*. Lugares de memoria en la España constitucional 1978 -2004). Frankfurt: Vervuert Madrid: Iberoamericana, 2005.
- WINTER, Ulrich (Ed.). *Lugares de memoria de la guerra civil y el franquismo*. Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2006.